

Reflexões sobre o trabalho docente e categorias conceituais nas narrativas dos docentes: o apoio teórico de Tardif nos estudos do Foppe (UNIARP/SC)

Reflections on teaching work and conceptual categories in narratives of teachers: the theoretical support of Tardif in the Foppe studies (UNIARP/SC)

Reflexiones sobre el trabajo docente y categorías conceptuales en las narrativas de los docentes: el apoyo teórico de Tardif en los estudios del Foppe (UNIARP / SC)

DOI: <http://dx.doi.org/10.25087/resur4a4>

Marialva Moog Pinto¹
Thais Ivete Kusinski Gatti²
Marcio Takahashi Kawamura³
Doniria Borges Padilha⁴

Recibido, 27 de julio de 2017
Aprobado, 21 de octubre de 2017

Resumo

Os professores, por meio do trabalho docente, são considerados os principais responsáveis pelo desempenho dos alunos, pelo bom andamento da escola e do sistema, sendo responsabilizados pelo êxito ou culpabilizados pelo insucesso dos mesmos. O presente estudo se refere a uma reflexão realizada em um dos encontros do Grupo de Pesquisa Formação do Professor e Práticas Docentes (FOPPE), relacionado ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Sociedade e Mestrado em Educação, sediado na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), em Caçador-SC, Brasil.

¹ Docente Mestrado em Educação - IUSUR. Doutora pela UNISINOS – CAPES 7. Líder do Grupo de Pesquisa Formação do Professor e Práticas Pedagógicas - FOPPE - CNPq.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento e Sociedade na Universidade Alto Vale Do Rio Do Peixe (UNIARP) e possui bolsa pelo Programa do Estado de Santa Catarina - UNIEDU

³ Professor das Engenharias Mecânica, Engenharia Civil e Arquitetura e Coordenador de Engenharia Mecânica da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe. Mestrando em Desenvolvimento e Sociedade - UNIARP

⁴ Pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (2010), pós-graduada em Interdisciplinaridade e em Psicopedagogia, cursando o Mestrado Interdisciplinar na Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP)

O principal objetivo deste estudo é, por meio da escuta das falas dos professores, analisar nas narrativas dos docentes/membros do grupo de pesquisa em questão, sobre o trabalho docente que realizam no cotidiano. Os dados foram coletados por meio das narrativas dos membros do Grupo, todos professores, que reuniram-se para estudar em particular o “Trabalho Docente”. O estudo contou especialmente com o apoio teórico do livro de Maurice Tardif (2002) sobre “Saberes Docentes e Formação Profissional”, cujo capítulo intitulado “O trabalho docente, a pedagogia e o ensino – Interações humanas, tecnologias e dilemas”, orientou a discussão. A análise das narrativas puderam apontar algumas categorias de análise que são: a Abstração e a Prática; Resistência e Falta de Motivação dos Professores; Elevada Carga Horária e Falta de Tempo; Burocracia para Práticas Externas; Muitos Agentes Educativos; Avaliações de Larga Escala incitam a competição; Falta de formação Pedagógica para a Docência; Formação Técnica e interações humanas; e Modelos docentes.

Palavras Chave: Trabalho Docente. Formação do Professor. Narrativas.

Abstract

Teachers, through their teaching work, are considered the main responsible for the performance of the students, the school and the system, being responsible for the success or blamed for the failure of the students. The present study refers to a reflection carried out in one of the meetings of the Research Group Teacher Training and Teaching Practices (FOPPE), related to the Master's Program in Development and Society and Master's in Education, headquartered at the Alto Vale do Rio do Peixe University (UNIARP), in Caçador-SC, Brazil. The main objective of this study is, through the listening of the teachers' statements, to analyze the narratives of the teachers / members of the research group in question, about the teaching work. The data were collected through the narratives of the members of the Group, all teachers, who met to study in particular the "Teaching Work". The study focused on the theoretical support of Maurice Tardif's (2002) book on "Teaching Knowledge and Vocational Training", whose chapter entitled "Teaching work, pedagogy and teaching - Human interactions, technologies and dilemmas", guided discussion. The analysis of the narratives could point out some categories of research that are: Abstraction and Practice; Teacher Resistance and Lack of Motivation; High Hour Load and Lack of Time; Bureaucracy for External Practices; Many Educational Agents; Reviews of Large Scale incite

competition; Lack of Pedagogical Training for Teaching; Technical training and human interactions; And Teaching models.

Keywords: Teaching Work. Teacher Training. Narratives.

Resumen.

Los profesores, a través del trabajo docente, son considerados los principales responsables por el desempeño de los alumnos, por el buen desarrollo de la escuela y del sistema, siendo responsabilizados por el éxito o culpabilizados por el fracaso de los mismos. El presente estudio se refiere a una reflexión realizada en uno de los encuentros del Grupo de Investigación Formación del Profesor y Prácticas Docentes (FOPPE), relacionado al Programa de Maestría en Desarrollo y Sociedad y Maestría en Educación, con sede en la Universidad Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), en Caxias do Sul-SC, Brasil. El principal objetivo de este estudio es, por medio de la producción verbal de los profesores, analizar en las narrativas de los docentes / miembros del grupo de investigación en cuestión, el trabajo docente que realizan en el cotidiano. Los datos fueron recolectados por medio de la narrativa de los miembros del Grupo, todos profesores, que se reunieron para estudiar en particular el "trabajo docente". El estudio contó especialmente con el apoyo teórico del libro de Maurice Tardif (2002) sobre "Saberes Docentes y Formación Profesional", cuyo capítulo titulado "El trabajo docente, la pedagogía y la enseñanza - Interacciones humanas, tecnologías y dilemas", orientó la discusión. El análisis de las narrativas apunta a algunas categorías de análisis que son: la Abstracción y la Práctica; Resistencia y falta de motivación de los profesores; Elevada carga horaria y falta de tiempo; Burocracia para las prácticas externas; Muchos Agentes Educativos; Las evaluaciones de escala masiva estimulan la competición; Falta de formación pedagógica para la Docencia; Formación Técnica e interacciones humanas; y Modelos docentes.

Palabras clave: Trabajo Docente. Formación del profesor. Narrativas.

Introdução

A profissão Professor constitui-se de um conjunto de conhecimentos e saberes necessários para a execução das suas atividades. Alguns profissionais possuem alguns saberes, outros possuem outros tantos saberes, que vão se estruturando nas suas práticas

que se traduzem no trabalho docente. Ainda assim, Gauthier (2006) diz que alguns profissionais do ensino ainda desconhecem o que é necessário saber para ensinar, tendo em vista que vivemos ainda em um tempo onde o ofício docente é envolto em uma “cegueira conceitual”.

Por um lado, o professor é visto muitas vezes como alguém que não tem o que dizer, pois não valorizam a sua voz. A má qualidade de ensino é atribuída a eles, são responsabilidades sem espaço para defesa, e também não são consultados para decisões futuras.

Por outro lado, os professores não se autorizam na autoria das suas práticas, porque não percebem a necessidade de escrever sobre o que já sabem fazer ou porque não percebem a importância de fazê-lo para outros.

Segundo Alarcão (2001, p.15) diz que “a mudança de que a escola precisa é uma mudança paradigmática. Porém, para mudá-la, é preciso mudar o pensamento sobre ela”. E a autora complementa, mostrando a importância de dar espaço para a reflexão dos agentes educativos, quando diz que “é preciso refletir sobre a vida que lá se vive, em uma atitude de diálogo com os problemas e as frustrações, os sucessos e os fracassos, mas também em diálogo com o pensamento próprio e o dos outros”.

O professor, diante das variadas funções atribuídas ao trabalho docente, tem de responder às exigências que estão além de sua formação. Nesse contexto é que se identifica um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores. No caso da Educação Básica, as reformas em curso tendem a retirar deles a autonomia, entendida como condição de participar da concepção e organização de seu trabalho. No caso da Educação Superior, a democratização do acesso, e a expansão das instituições privadas, voltadas ao mercado, são algumas das tensões trazidas por uma realidade antes não vivida.

O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), orienta que, um grupo de pesquisa é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou duas lideranças com experiência científica no qual existe envolvimento profissional e permanente com a atividade de pesquisa (CNPq, 2016).

O principal objetivo deste estudo é analisar as narrativas dos docentes/membros do grupo de pesquisa em questão, sobre o trabalho docente que realizam no cotidiano.

Sendo assim, com o intuito de provocar a reflexão e dar voz aos professores, num espaço de diálogo, as narrativas como técnica de coleta de dados, foram

fundamentais. A medida em que narram (re)constroem os fatos e a sua forma de entender o vivido. O grupo de pesquisa, que também é um grupo de estudo e espaço de reflexão, e o FOPPE em particular, foca-se na formação dos professores e as práticas docentes como seu principal interesse.

Metodologia

O **contexto** do estudo foi o grupo de pesquisa em questão, denominado Formação do Professor e Práticas Docentes (FOPPE), sediado na Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), em Caçador-SC, e cumprindo com as determinações e orientação do CNPq, tem como objetivos: intensificar a pesquisa sobre as práticas dos professores membros, fundamentando seu saber-fazer; qualificar os cursos de formação de professores, refletindo sobre as práticas educativas; dialogar junto à rede de ensino pública e privada sobre a temática.

Os sujeitos envolvidos como **interlocutores**, são profissionais interessados na temática que se propõe, porém no encontro definido para o trabalho com narrativas dos professores, estavam presentes: a professora doutora líder do grupo, três estudantes do Mestrado Acadêmico - Desenvolvimento e Sociedade, sendo um deles professor e coordenador do Curso de Engenharia Mecânica da instituição, outra que atua como professora do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Caçador-SC e a terceira é professora da Educação Infantil da rede pública municipal de Lebon Régis-SC. Estavam também, três estudantes do Curso de Mestrado Profissional em Educação Básica, sendo uma estudante que atua como professora do Curso de Serviço Social da instituição, outro que atua como professor do Curso de Educação Física da mesma instituição e a terceira, atua como professora do Ensino Fundamental alocada na Gerência Administrativa do Estado de Santa Catarina.

O instrumento utilizado para **coleta de dados foram as narrativas**, constituem-se um método de coleta de dados em que segundo Cunha (1997) “...as apreensões que constituem as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão preñes de significados e reinterpretações.

Cunha (1997 apud Berger & Luckmann, 1985, p.109) diz ainda que:

...antes disto ser um problema, era o cerne da pesquisa sócio-antropológica pois, como explicitam Berger & Luckmann, as análises tem particular

importância para a sociologia do conhecimento porque revelam as mediações existentes entre universos macroscópicos de significação, objetivados por uma sociedade, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos.

Hoje, tanto nas situações de ensino como nas de pesquisa, é preciso estar atento ao fato da pessoa destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer, tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos (CUNHA, 1997, s/p.).

Quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, “percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade” (CUNHA, 1997, s/p.).

A coleta dos dados foi realizada no encontro de Julho/2016, pelos membros do grupo de pesquisa, com apoio teórico do livro do autor Maurice Tardif (2002): Saberes Docentes e Formação Profissional, cujo terceiro capítulo intitulado “O trabalho docente, a pedagogia e o ensino – Interações humanas, tecnologias e dilemas”, orientou o trabalho do Grupo. Foram gravadas as leituras e discussões realizadas sobre a temática, com autorização dos componentes.

O professor do Curso de Engenharia Mecânica, foi o participante do grupo que estava responsável por apresentar aos demais participantes, de forma expositiva e reflexiva, o que diz o autor no capítulo “O trabalho docente, a pedagogia e o ensino – Interações humanas, tecnologias e dilemas”, para posterior discussão naquele encontro. Sua apresentação suscitou muitos comentários e reflexões que foram gravadas e após analisados os discursos dos professores presentes, para os relatos deste estudo.

A análise dos dados ocorreu após a degravação das falas dos sujeitos do grupo de pesquisa, sendo organizadas em uma tabela para análise dos conteúdos e posterior encontro de categorias.

As categorias encontradas foram: Abstração e Prática; Resistência e Falta de Motivação dos Professores; Elevada Carga Horária e Falta de Tempo; Burocracia para Práticas Externas; Muitos Agentes Educativos; Avaliações de Larga Escala incitam a competição; Falta de formação Pedagógica para a Docência; Formação Técnica e interações humanas; e Modelos docentes.

O Trabalho Docente, a Pedagogia e o Ensino

O estudo interessou-se em saber por meio das narrativas dos sujeitos interlocutores, que significados, que sentidos, os professores atribuem ao trabalho docente.

A primeira parte do estudo propõe uma definição da pedagogia baseada na análise do trabalho docente e a segunda aborda o estudo do processo de trabalho dos professores do ponto de vista das finalidades, do objetivo e do produto do trabalho.

Segundo Tardif (2002, p.116) “constata-se que a maioria das pessoas que se interessam pelo ensino fala sobretudo daquilo que os professores deveriam ou não fazer, ao invés de se interessar pelo que fazem realmente”. Para o autor, pode-se perceber ainda que “todos esses discursos mostram que o ensino ainda é, no fundo, um ‘ofício moral’, que serve sempre de lente de aumento para as angústias e inquietação da opinião pública” (2002, p.116).

Tardif (2002, p 116), alerta para uma mudança no discurso e no nosso olhar em relação ao professor e diz que “se quisermos compreender a natureza do trabalho dos professores, é necessário ultrapassar esses pontos de vista normativos. O magistério merece ser descrito e interpretado em função das condições, condicionantes e recursos que determinam e circunscrevem a ação cotidiana dos profissionais. Para Tardif (2002, p.113):

o perigo que ameaça a pesquisa pedagógica é o da abstração: essas pesquisas se baseiam com demasiada frequência em abstrações, sem levar em consideração coisas tão simples, mas tão fundamentais, quanto o tempo de trabalho, o número de alunos, a matéria a ser dada e sua natureza, os recursos disponíveis, os condicionantes presentes, as relações com os pares e com os professores especialistas, os saberes dos agentes, o controle da administração escolar, etc.

A partir do estudado, conforme citação acima, o grupo questionou o que seria essa abstração mencionada pelo autor.

a) Abstração e a Prática

Um dos participantes do grupo externou sua preocupação com a pouca relação entre teoria e prática nos processos de ensino e aprendizagem, e trouxe como exemplo,

o caso do Ensino Fundamental (Educação Básica), as dificuldades que envolvem para o professor, uma saída de estudos com os estudantes. As saídas de estudo são fundamentais, não apenas no Ensino Fundamental, para que possam vivenciar, experienciar o que estudaram, porém sempre que questionados sobre o porquê não realizam esse tipo de atividade com seus estudantes, os professores do ensino fundamental, respondem prontamente que não há condições, pois inicialmente necessitam pedir autorização às Secretarias de Educação, logo em seguida precisam captar verba para o transporte. “Outro fator de impedimento, é que os estudantes estão muito indisciplinados (Professor R.) e por fim as inúmeras legislações que culpabilizam os professores por possíveis problemas que possam ocorrer fora da escola. Todos estes fatores os desmotivam visitas a museus, e outros espaços que auxiliariam os estudantes com experiências pessoais, para além da compreensão abstrata dos conteúdos escolares.

A medida que se justificavam os professores refletiam sobre a importância do trabalho para além da abstração e Freire (1998) nos diz que o momento fundamental na formação do professor é o da reflexão crítica sobre a prática. O próprio discurso teórico necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O distanciamento intelectual necessário para a análise crítica deve aproximar a análise do objeto. Os professores bem sucedidos nesse exercício de analisar o próprio trabalho estão se distanciando para compreender melhor, abstraindo a prática, transformando-as em conceitos para depois retornar as atividades modificadas pela reflexão conquistam grande inteligência pedagógica.

Outra participante do grupo que exerce a função de Coordenadora de Ensino, no Ensino Fundamental de uma escola da rede pública estadual, disse contrapondo as justificativas apresentadas pelos docentes. Em suas palavras:

acho que o professor tem uma resistência em fazer, o que o sistema impõe, por exemplo um projeto, ele não consegue fazer a sua relação com o conteúdo que ele está trabalhando. Às vezes o trabalho fica solto, então eu digo para o colega...é um projeto simples dos conteúdos que você está trabalhando! Para ver qual é a ligação que tem com uma saída de estudo. Ele já começa a dizer, que ele não quer parar, pensar e escrever! Pra ele já é muito mais difícil!
(Professora V.).

E diz ainda,

Infelizmente eu tenho visto que levar os alunos é pedir para se incomodar, e uma sequência de coisas que ele vai pensando que a responsabilidade é dele. Então ele acaba, acaba dificultando. Muitos professores das escolas públicas no Brasil não fazem estas atividades porque estão desmotivados. Por que farão algo mais do que o necessário, se isto não vai mudar em nada sua vida profissional? O professor não é atendido, nas suas necessidades, por isso ele não faz (Professora V.).

Ainda sobre a falta de prática para complementar a abstração dos conteúdos escolares, uma das participantes do Grupo que é professora no 3º ano do Ensino Fundamental na rede privada de ensino complementa dizendo que “outro fator significativo é a elevada carga horária do professor, que para manter-se economicamente e a sua família, acabam por ampliar significativamente as horas de trabalho em até 60 horas semanais, sem contar trabalhos de final de semana” (Professora T.).

b) Resistência e Falta de Motivação dos Professores

Segundo Hermani e Meller (2012, s/p.) “pode-se destacar também que o professor não cumpre o que diz a lei, formar cidadãos, não é o que está acontecendo. Estão cumprindo suas horas, ensinando o que eles sabem, sem tentar melhorar sua capacidade de atuação”.

O professor do Curso de Engenharia Mecânica diz:

eu vejo que o professor tem muita responsabilidade e ele está muito desmotivado, pelo salário, pela estrutura das escolas. Tem exceções, claro! Tem escolas que eu conheço, que estão se desenvolvendo, se virando. Mas tem professores que são formados e não tem condições, de serem professores. Também tem professores que não gostam de ser professor! A gente percebe a falta de motivação (Professor M.).

E complementa, colocando-se como professor universitário, mas também como coordenador de curso, que:

a pedagogia é um instrumento de ensino, nós temos que atingir um resultado e para atender esse resultado, não é um caminho único, é bem sinuoso e difícil e

eu acho que às vezes não está claro para o professor, qual o resultado que ele tem que chegar. Se não está claro para o professor, para o aluno vai ser pior ainda. Se o professor não consegue visualizar o que ele tem que fazer na disciplina ou no curso, então ele não consegue passar isso para o aluno também (Professor M.).

Sobre o tema, a professora da Educação Infantil pergunta “mas se o professor está desmotivado, como os estudantes vão estar motivados?” (Professora D.). Outra professora (Professora M.) demonstra sua preocupação com os professores das áreas específicas da graduação que não possuem formação pedagógica para ser professor e diz “imaginem para um professor que não tem formação para ser professor, como esse processo se torna difícil!”

c) Elevada Carga Horária e Falta de Tempo

Outro fator que está relacionado ao trabalho docente e pode interferir de forma negativa, é a carga horária excessiva. Isso ocorre porque os professores, na tentativa de ampliar a sua renda, aceitam ou buscam mais horas de trabalho na docência. O professor pode trabalhar 20 horas, mas o salário correspondente não permite sua subsistência e de sua família. Nestes casos, muitos professores procuram trabalhar 40 horas em uma determinada instituição e se puder, mais 20 horas em outra. Com 60 horas de trabalho semanal, e muitas outras horas nos finais de semana, com planejamento das aulas, correções de trabalhos etc., o trabalho de qualidade fica comprometido. A professora (T.) diz sobre as atividades extra classe:

Há professor que dá aula, de manhã, de tarde e de noite. Que animo ele vai ter? Dar conta do conteúdo, preparar os alunos para todo aquele contexto de conteúdo, cumprir as metas do teu planejamento e você tem que seguir aquilo. Então o projeto demora muito tempo para ser feito e isso nas escolas pelo menos as particulares, por isso que as vezes é feita os grandes projetos de ciências, que abre portas para a comunidade, em que os pais vem. Mas é o único projeto que é feito durante o ano. Por causa da questão do tempo! E os pais já estão pensando na preparação para o vestibular futuramente. Então tem que preparar mais o aluno para as provas.

E a professora diz ainda que “até a visão dos pais, eles querem que os filhos aprendam. Pra eles o filho que aprende, é aquele que está ali, sentado, estudando. Não aquele que está saindo para ‘passear’” (Professora T.).

d) Burocracia para Práticas Externas

Outra participante do Grupo, professora do Curso de Serviço Social de uma universidade privada, comentou que no Ensino Superior, propor atividades diferenciadas e de teor prático, também não é fácil e diz:

Eu vejo a questão do transporte e planejamento ‘Ah não foi planejado? Você tem que ver um ano antes, passar o orçamento’. Teve um ano que a gente foi fazer uma viagem aqui perto como os acadêmicos e nós não conseguimos apoio. E isso dificulta também pra gente e se não tiver o orçamento você não consegue transporte (Professora A.).

Nas instituições educativas, existem hierarquias a serem respeitadas, o que em muitos casos, impede a inovação das atividades docentes. Segundo Castro (1998, s/p.),

tarefas a serem executadas, regras a serem cumpridas, é todo um aparato burocrático, definido em estatutos e regimento, que norteiam as ações e interações dos atores dentro da Instituição Escolar. Desde o momento em que entram na escola até a hora da saída, são submetidos a uma série de regras para o exercício de suas atividades, as quais acatam, em sinal de convivência com a ordem estabelecida, mesmo que não se conformem muito com ela. Nesta rotina, os chefes colocam a responsabilidade pelas inconveniências das ordens que emitem sempre na autoridade mais distante. Por exemplo: o professor exige dos alunos e pais porque recebeu orientação do supervisor, este exige do professor porque tem que prestar contas ao diretor que, por sua vez, recebeu ordens da Secretaria de Educação, por intermédio do Inspetor Escolar. E, nesta cadeia hierárquica, onde todos têm um ponto de origem da exigência fora de sua própria pessoa, é exercido um poder aparentemente impessoal, apoiado nas normas regimentais, nas leis e nas ordens vindas dos órgãos administrativos do sistema de ensino.

Desta forma todos os atores são bons, compreensivos e gostariam de colaborar, mas não podem, porque a ordem “vem de cima” (Professora A) Todos são funcionários e estão no mesmo barco, sujeitos ao mesmo estatuto e aos mesmos órgãos administrativos. Internamente, os arranjos e acordos são feitos, na medida do possível, desde que não firam as normas estabelecidas (CASTRO, 1998).

e) Muitos Agentes Educativos

Sobre o contexto do trabalho docente, Tardif (2002, p.115) diz que “o que a pesquisa esquece ou negligencia com frequência, é que a escola, da mesma forma que a indústria, bancos e entre outras atividades, repousa em última análise, sobre o trabalho realizado por diversas categorias de agentes”.

Segundo Castro (1998, s/p.) “todos estão envolvidos em um processo educativo, em torno do qual há uma mobilização dos atores, em uma prática do poder simbólico, reconhecido, não conhecido como arbitrário, exercido com a convivência de todos”.

Os professores, envolvidos com suas turmas, passam todo o período de trabalho junto de seus alunos e, especialmente nas escolas estaduais, onde não dividem sua carga horária com os especializados em educação física e educação artística, ficam acumulados de atividades. Como eles, todos os outros atores da instituição cumprem os papéis que lhes são devidos, dedicando-se mais àquelas atividades que lhes parecem mais importantes. A divisão de tarefas ainda é um tanto estanque, ficando cada grupo envolvido com suas atividades (CASTRO, 1998, s/p.).

O autor alerta ainda que “para que essa organização exista e perdure, é preciso que esses agentes, apoiados em diversos saberes profissionais e em determinados recursos materiais e simbólicos, realizem tarefas precisas em função de condicionantes e de objetivos particulares [...] que o estudo da pedagogia seja sempre situado no contexto mais amplo da análise dos trabalhos dos professores (TARDIF, 2002, p.115).

f) Avaliações de Larga Escala incitam a competição

Um dos participantes, professor universitário do Curso de Educação Física, trouxe para o grupo a sua visão como pai, mas também a visão de muitos pais e famílias da nossa sociedade, em especial, as classes economicamente mais favorecidas e diz que:

na sociedade nós vivemos sobre números! Avaliações! Os “números” da avaliação resumem. Qual a ideia que a gente como família tem? Falo como pai de uma filha que tem 2 anos e 6 meses. Eu quero que com 5 anos, minha filha leia. Se ela tem que estar lendo com 5 anos? Eu tenho a visão que pago uma escola particular boa, para ela ter o melhor, se ela está aqui tem que sair lendo! (Professor R.).

Após iniciou-se uma reflexão sobre o que diz o autor sobre os discursos que hoje tratam do ensino e “são veiculados pela classe política, pela mídia e pelos formadores de opinião e frequentemente por vários professores universitários, o questionamento é se os professores universitários trabalham bastante, se trabalham corretamente ou se dão um bom acompanhamento aos seus alunos” (TARDIF, 2002, p.115).

O participante do Grupo que é professor universitário no Curso de Educação Física, comentou ainda que foi coordenador de Educação Física de Esportes no Ensino Médio “e lá nós professores dávamos aula para preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM de Educação Física. Nós trabalhávamos as questões de ENEM, elaborando aulas para o “Terceirão e Simulado! Lá o negócio é passar para o ENEM” (Professor R.). O professor, disse que traz este exemplo para apoiar a fala do autor quando diz ser “a mídia e os formadores de opinião” e acrescenta também as avaliações externas têm transformado o processo educativo em uma competição. Num ano vê-se uma escola com uma faixa informativa dizendo que é a melhor escola, pois obteve a nota mais elevada da cidade no IDEB, para logo no ano seguinte, outra escola divulgar a mesma informação “100% de aprovação” (Professor R.). A competição institucional recai sobre os estudantes, que no caso das instituições particulares em especial, tem produzido uma carga horária exaustiva de aulas, estudos e avaliações, para os seus estudantes.

Na visão do membro do Grupo que é professor do Curso de Engenharia Mecânica

essas avaliações são bem-vindas, o problema é o que o governo faz ou nós fazemos dessas avaliações. Criamos um ranking. Aí começa um problema sério. Você não está avaliando mais, como deveria! Você está avaliando para ranquear, pra ver se está em primeiro...segundo...terceiro (Professor M.).

Uma das professoras, membro do Grupo colabora com sua experiência, explicando que a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), referindo-se à Lei 9394/96, dá espaço de decisão e movimento para as instituições educativas. Que o Projeto Político Pedagógico é elaborado pela própria comunidade escolar (professores, funcionários, estudantes e famílias). A professora segue explicando que “isso foi muito bom, a LDB dá esse espaço para cada região e localidade decidir o que será melhor para sua instituição” (Professora M.). Esclarece ainda que,

o sistema permite que elaborem como as instituições consideram mais adequado, mas o governo entra com as avaliações externas, conhecidas também como Avaliações de Larga Escalas, a exemplo da Provinha Brasil, Prova Brasil, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desenvolvimento da Educação (ENADE), para cobrar a garantia da aprendizagem (Professora M.).

Por outro lado, o sistema aplica a avaliação de Larga Escala verificando o que ensinaram (professores) e o que aprenderam (estudantes). Esse sistema obriga os professores a manterem-se na linha de conteúdos de interesse do governo.

g) Falta de formação Pedagógica para a Docência na Educação Superior(ES)

O coordenador e professor do Curso de Engenharia Mecânica, comenta com o Grupo sobre a sua experiência dizendo que “nós que nos formamos em Engenharia...vamos para o mercado de trabalho, não fazemos especializações. Alguns fazem para ter uma habilidade maior mas é para desempenhar o trabalho. Daí viemos para a docência ‘meu Deus do céu’, não é fácil!”. E continua demonstrando um certo sofrimento pela falta de apoio aos professores do Ensino Superior, e complementa: “Às vezes até eu penso sobre a matriz curricular do Curso de Engenharia, porque não tem

uma ou duas disciplinas sobre formação pedagógica? Não só na Engenharia, mais na Medicina, Odontologia, Biologia” (Professor M.).

E os diálogos com o autor estudado, vai nos fortalecendo à medida que após a discussões Tardif (2002, p. 118) diz que “concretamente, ensinar é desencadear um programa de interações com um grupo de alunos, afim de atingir determinados objetivos educativos relativos à aprendizagem de conhecimentos e à socialização”. Então, percebemos que ensinar não é uma responsabilidade única do professor. O autor nos diz que precisamos desencadear interações com os alunos, socialização para que todos se envolvam em aprender. Tardif (2002, p.118) diz ainda que “ao entrar em uma sala de aula, o professor penetra em um ambiente de trabalho constituído de interações humanas”.

h) Formação Técnica e interações humanas

O professor (Professor M.) ainda comenta sobre sua experiência como Coordenador do Curso de Engenharia Mecânica e diz que “por experiência própria eu vejo que quem é muito técnico tem dificuldade de fazer essas interações humanas, tanto em sala de aula ou mesmo profissionalmente!”.

i) Modelos docentes

Uma das professoras (Professora M.) comenta que o professor ao ministrar sua aula assume também algumas concepções pedagógicas e nem sempre está consciente disto. Diz assim que isso ocorre porque nós temos os nossos modelos de professores e quando assumimos a função de professor logo pensamos que sabemos fazê-lo pois passamos dos 7 aos 22 ou mais anos de nossa formação, vendo como se faz para ser um professor, por meio dos modelos dos nossos professores. Entre os modelos de práticas pedagógicas aprendidas pelos modelos dos nosso professores estão:

fazer a chamada (lista de presença), ter um conteúdo para ensinar e livros para estudar estes conteúdos, deve haver um quadro para escrever e giz ou canetas hoje, depois, por fim, fazer uma prova para ver se os estudantes aprenderam. A profissão que mais assistimos como se faz, é a profissão Professor. Assim, quando surge uma oportunidade para ser professor não temos. Nos sentimos aptos para fazer aquilo que acreditamos que aprendemos com os nossos modelos (Professora M.).

E o autor complementa que:

a Pedagogia corresponde à dimensão instrumental do ensino, essa prática está sempre situada num ambiente de trabalho, que consiste em coordenar diferentes meios para produzir resultados educativos, isto é, socializar e instruir os alunos em interação com eles, no interior de um determinado contexto, tendo em vista atingir determinados objetivos, finalidades, em suma, determinados resultados (TARDIF, 2002, p.118).

Neste momento o Grupo questionou-se: “mas então, como podemos caracterizar o trabalho docente?”

Características do Trabalho Docente

Neste momento o Grupo analisou um quadro apresentado por Tardif (2002) em que o autor relaciona o trabalho na indústria com objetos materiais e a trabalho na escola com seres humanos, analisando os objetivos do trabalho, a natureza do objeto, relação do trabalho com o objeto e o produto deste trabalho.

Em relação aos **objetivos do trabalho** na indústria, eles são precisos, operatórios e delimitados, coerentes e a curto prazo. Já os objetivos do trabalho docente, por ser realizado com seres humanos, são: ambíguos, pois não estão claros os seus limites gerais ambiciosos, pois nos parece que esperamos conseguir alcançar mais do que talvez seja possível; heterogêneos, pois conforme o grupo e os eventos ocorridos pode mudar todo o cenário; e a longo prazo, sendo que muitas vezes o docente não vivencia os ganhos e avanços conquistados por seus estudantes, as influências que ele gera no estudante, nem sempre retornam ao docente como retribuição profissional ou mesmo afetiva (TARDIF,2002; CORREIA, 2001).

Em relação à **natureza do objeto**, na indústria é material, seriado, homogêneo, passivo e determinado. Quanto à natureza do objeto no trabalho docente, é: humano; individual e social; heterogêneo; ativo e capaz de oferecer resistência, pois nem sempre o que é proposto pelo docente é aceito pelo estudantes ou por alguns ou pelo grupo como um todo e todos estes imprevistos podem modificar o trabalho do professor; comporta uma parcela de indeterminação e de autodeterminação (liberdade) (TARDIF, 2002).

Para o autor Tardif (2002) quanto a natureza e componentes típicos da **relação do trabalhador com o objeto**, no trabalho na indústria há uma relação técnica com o objeto, manipulação e controle de produção no qual o trabalhador controla diretamente e totalmente o objeto. No trabalho docente há uma relação com o objeto em muitas e distintas dimensões, tanto profissional, como pessoal, intersubjetiva, jurídica, emocional, normativa, entre muitas outras. Também o trabalho docente necessita da colaboração do objeto (estudante) e isto nem sempre ocorre porque o trabalhador não pode controlar o objeto totalmente.

E para finalizar, sobre o **produto do trabalho**, na indústria o produto do trabalho é material e pode ser observado, medido e avaliado, e está totalmente separado da atividade do trabalhador, pois o produto é independente do trabalhador. E como isso ocorre na escola? Na escola e no trabalho docente o produto do trabalho é intangível e imaterial, dificilmente pode ser observado e medido. Neste caso ainda, o produto do trabalho docente dificilmente pode ser separado da atividade do trabalhador e do espaço de trabalho, pois depende do trabalhador (TARDIF, 2002).

Uma das participantes complementa após as discussões sobre a contribuição de Tardif (2002) dizendo que:

o trabalho do professor não é controlável. Na indústria pode-se prever que neste mês vou produzir 'x', preciso de 'x' em matéria prima, 'x' pessoas para produzir...e chega o final do prazo tem lá aquela produção que imaginei. Mas na educação isso não acontece, são muitas outras questões sociais, pessoais que não tem como mensurar (Professora M.).

Outro membro do Grupo, comentando sobre os professores Engenheiros do Curso de Engenharia, por exemplo, que são profissionais Engenheiros, mas também são docentes no curso de Engenharia na universidade e ele diz que “isso é importante, por que o que eu vejo, muito engenheiros vão apresentar determinado projeto numa empresa e eles não sabem como fazer, nem como se organizar. Como planejar uma reunião! Muitos vão na cara dura, com um papelzinho com o que vão falar” (Professor M.).

E ainda, comentando sobre sua postura como coordenador do Curso de Engenharia ele demonstra sua preocupação pois:

no colegiado eu me organizei com pelo menos uma semana de antecedência, para reunir com os professores e tem colegas coordenadores de outros cursos que não se organizam, vão na cara dura e na coragem e isso reflete na sala de

aula também. Não preparam mesmo, e isso é fundamental também na graduação. Acho importante essa prática de didática, não para ele ser professor, mas também vai ajudar na vida profissional (Professor M.).

Outro participante do Grupo, professor do Curso de Educação Física na universidade, refletindo sobre a contribuição de Tardif (2002), relatou sobre sua experiência em Educação Física para a saúde, dizendo “eu trabalho bastante com treino e com licenciatura. A escola não se torna tão prazerosa pra mim! Por quê? No ensino o resultado não é imediato” (Professor R.). O professor diz ainda que “no treinamento você tem competição, independe se vai ganhar ou perder você tem um feedback do que você fez. Você aplica um treinamento e se a pessoa emagrece? Opa! Deu resultado. Então nos sentimos seguros para fazer de novo” (Professor R.). No entanto, no seu trabalho docente diz que “na escola o resultado não vai estar ao seus olhos...se você alfabetizou a criança? que bom! Mas o objetivo maior, vai ser lá na frente, você não vai estar ali para ver! Então eu acho que esse retorno por professor, não é tão legal. Querendo ou não na tua profissão você tem que ter um retorno. Ah eu fiz isso e deu certo!” (Professor R.).

A participante do Grupo que é docente no curso de graduação do Serviço Social, contribui com sua reflexão dizendo que “imaginem nós do curso de Serviço Social que fazemos um trabalho de formiguinha, de longo prazo da emancipação dos sujeitos, da promoção, é todo um processo. Mas também quando percebemos resultados!” (Professora A.). E complementa dizendo ainda que “às vezes você acompanha uma família por 5 anos, que já vem acompanhando a avó, a mãe, o filho, o filhinho do filho. Mas tem casos também que avança, que tem expectativa de vida, e aí é bem gratificante” (Professora A.).

No final do encontro do grupo de pesquisa, realizou-se o fechamento das discussões, propondo ao grupo que seguisse refletindo sobre as discussões relacionando com sua prática docente.

Considerações Finais

Este estudo desenvolveu uma reflexão coletiva através de produções verbais dos participantes do encontro do grupo de pesquisa, fazendo essas produções, em diálogo com as proposições do livro de Tardif, objeto dessa análise

Tendo como objetivo analisar nas narrativas dos docentes/membros do grupo de pesquisa em questão, sobre o trabalho docente que realizam no cotidiano, foi possível perceber o poder iluminador do diálogo entre os professores. Muitas falas se complementavam, tornando possível entender que o que ocorre em um contexto institucional, também ocorre em outros tantos.

Percebeu-se que o processo educativo é de difícil abstração por sua complexidade e quando tentamos entendê-lo as variáveis são muitas, dificultando a compreensão conclusiva e logo novas perguntas surgem.

Outros fatores relevantes para os docentes são as várias dificuldades para a relação teoria e prática, em todos os níveis educativos: há muita burocracia para saídas de estudos, nas instituições em geral; os estudantes da educação básica são indisciplinados, o que causa receio nos professores de serem culpabilizados; e as famílias que não reconhecem nem valorizam essas atividades como necessárias para a aprendizagem. As famílias, em grande maioria, têm no seu imaginário a escola como preparação para o vestibular e as atividades extra classes são vistas em muitos casos como “perca de tempo”.

Na visão do grupo de docentes, o sistema de avaliações de “larga escala” (Provinha Brasil, Saeb, Enem, Enade, etc), modificou a lógica do processo educativo. Não se ensina mais para o estudante aprender, ensina-se para o estudante ir bem nas avaliações externas, outros interesses de aprendizagem, já não são prioridade.

Existe uma resistência por parte de muitos professores, provocados por excesso de trabalho, carga horária elevada, falta de reconhecimento, baixos salários, que se traduzem em ressentimento.

Pode-se perceber que o Trabalho do Professor seja responsabilidade sua, com direito a planejar e realizar como ele próprio planejou, ainda assim há muitos limites a serem respeitados. Limites estes impostos pelo sistema educativo, ou pelos agentes educativos, ou pelos processos avaliativos que estão verificando o resultado do seu trabalho.

Trata-se de um trabalho complexo de realizar pois envolve seres humanos e suas relações dificultando a previsão do resultado que varia de acordo com o cenário e com os sujeitos, provocando uma sensação de frustração quando os objetivos não são alcançados.

O Trabalho Docente, “comporta uma parcela de indeterminação e de autodeterminação (liberdade)” (TARDIF, 2002, p.119) que em muitos momentos pode

tratar-se de uma profissão que oferece liberdade de escolhas e caminhos a seguir, mas logo percebe-se que o controle está em frente.

O trabalho docente conta com a colaboração dos agentes envolvidos, porém essa colaboração nem sempre é real pode interferir nos resultados, causando uma sensação de impotência e frustração no professor.

Se a tempos atrás a formação dos professores objetivava a capacitação destes, através da transmissão dos conhecimentos, para que pudessem “ensinar” e após foi substituído por uma abordagem que analisa a prática que este professor foi desenvolvendo, enfatizando a temática do saber docente para ser professor, hoje já há dificuldade para esse processo de formação pelos inúmeros acontecimentos que invadem o espaço educativo vindos dos problemas que a sociedade já não assume, deixando a possível solução sob a responsabilidade da escola e dos professores.

Referências

- Alarcão, I. (2003). Professores reflexivos em uma escola reflexiva. São Paulo: Cortez.
- Berger, P. e Luckmann, A. (1985). Construção social da realidade. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes.
- Castro, M. (1998). Um estudo das relações de poder na escola pública de ensino fundamental à luz de Weber e Bourdieu: do poder formal, impessoal e simbólico ao poder explícito. Revista da Faculdade de Educação. (24)1. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100002
- CNPq. O que é um Grupo de Pesquisa? Disponível em: http://lattes.cnpq.br/web/dgp/wiki?p_p_id=54_INSTANCE_eyJ6ivaAjeyD&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_count=1&_54_INSTANCE_eyJ6ivaAjeyD_struts_action=%2Fwiki_display%2Fview&_54_INSTANCE_eyJ6ivaAjeyD_nodeName=Main&_54_INSTANCE_eyJ6ivaAjeyD_title=Grupos+de+Pesquisa
- Correia, J. A. e Matos, M (2001). Solidões e solidariedades nos cotidianos dos professores. Porto, Portugal:Asa.
- Cunha, M. I. (1997). Conta-me Agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. In: Revista da Faculdade de Educação, São Paulo (23)1-2.
- Freire, P. (1998). Pedagogia da Autonomia. 9ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

- Gauthier, C. (1998). Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Unijuí.
- Hermani, A. D., Meller, M. H. (2012). Educação Escolar: professores resistentes a mudança? Disponível em:
<http://continuandoformacao.blogspot.com.br/2012/10/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>>
- Tardif, M. (2002). Saberes Docentes e Formação Profissional. O Trabalho docente, a pedagogia e o ensino – Interações humanas, tecnologias e dilemas. Petrópolis: Vozes.